



João Francisco Guerreiro, antigo aluno da Lusófona, agora jornalista da TSF, partilhou com os colegas de CCC a sua experiência na cobertura do terramoto do Haiti, ano passado, e as vicissitudes do trabalho de reportagem, premiado recentemente com o Prémio Internacional Rei de Espanha para melhor trabalho de rádio (ouvir [aqui](#)). Os alunos de Seminário de Jornalismo escreveram sobre o encontro.

Terça-Feira no Haiti

André Sebastião

E se por um mero instante fechássemos os olhos, e perdêssemos a noção do espaço que nos rodeia? E se um som tivesse a capacidade de transportar a nossa consciência para longe dos nossos corpos? Às dez da manhã de terça-feira dia 1 de Março, quem entrasse no Auditório Armando Gebuza na Universidade Lusófona viajava no tempo até aos dias que se seguiram ao sismo que devastou o Haiti.

Foi certamente esta capacidade de dar vida à realidade através do som que valeu a João Francisco Guerreiro, jornalista da TSF, o Prémio Internacional de Jornalismo Rei de Espanha, com a reportagem “Missão Haiti”.

A crueza das palavras dos intervenientes, a veracidade emocional de um timbre, a tristeza de um grito, a esperança no sorriso de uma criança, são sons aos quais João

Guerreiro deu um espaço próprio na sua reportagem. “Criar ambiente é importante, por isso há coisas que nem sequer foram traduzidas porque não é preciso, falam por si”. O jornalista mostra na leviandade com que explica algumas situações de extremo perigo ou sofrimento os reflexos de uma mente que teve de se adaptar para enfrentar a dor, sem que isso se tornasse um trauma na sua vida. “Temos que estar bem preparados física e psicologicamente, senão é muito difícil aguentar condições de vida tão exigentes.” Dado o caos e a desorganização de uma cidade acabada de colapsar, “naqueles dias em *Port-au-Prince*, bastava apontar o microfone para qualquer sítio e fazia-se uma história”. A reportagem de João Guerreiro foge àquilo que seria claramente um caminho sensacionalista, e portanto mais fácil. Em “Missão Haiti” o sofrimento não se conta só à custa de gritos e lágrimas. As sensações ganham vida na descrição, e em pormenores simples. O homem que traz animação ao campo de desalojados com um sistema de som num carro de mão, é um elemento de felicidade, que não deixa de carregar com ele uma carga emotiva que nos faz pensar no quão tristes e desesperadas podem estar as pessoas, para se animarem com o que para nós representa tão pouco ou nada. João Guerreiro é um homem que se entrega à história e que a vive intensamente. “Ainda há três dias me ligou um rapaz haitiano que se orgulha de conhecer um português. Não me custa nada ser simpático e falar um pouco com ele”. O jornalista é ex-aluno da Universidade Lusófona, e foi de colega para colega que desabafou connosco sobre as dificuldades de início de carreira e os dissabores da concorrência. A simplicidade com que transformou uma palestra numa conversa foi a mesma que moldou a sua reportagem num fiel retrato de um Haiti destroçado, mas vivo.

João Guerreiro num cenário de catástrofe

Andreia Oliveira

Numa palestra dada aos alunos de Ciências da Comunicação e da Cultura (CCC), da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), o jornalista da TSF, João Francisco Guerreiro contou como foi fazer a cobertura do terramoto no Haiti, falou sobre as dificuldades que os jovens jornalistas enfrentam e deixou conselhos aos alunos que pretendem entrar neste mundo.

João Francisco Guerreiro, que se licenciou na ULHT, foi distinguido nos Prémios de Jornalismo Rei de Espanha por um trabalho sobre o terramoto do Haiti, vencendo na categoria de rádio.

A sua chegada ao Haiti demorou mais do que esperava. João Guerreiro teve que apanhar um avião até à Venezuela e só depois conseguiu ir para o Haiti. O jornalista chegou 15 dias depois do acontecimento a um país que ainda apresentava um cenário de catástrofe. “Havia muita violência nas ruas e um cheiro a putrefacção.”

Rodeado por uma realidade de imagens fortíssimas, João Guerreiro disse que nunca caiu na tentação de entrar pela via do sensacionalismo pois o seu objectivo como profissional é mostrar com dignidade um cenário real. O jornalista confessou que foi muito fácil trabalhar porque as histórias surgiam com naturalidade. “Eu apenas testemunhei, não provoqueei nada.”

No entanto, nem tudo se mostrou ser tão fácil. O jornalista teve de enfrentar situações que o empurraram para fora da sua zona de conforto. João Guerreiro dormiu numa tenda que se encontrava a 190 metros de uma pista onde os aviões descolavam de 15 em 15 minutos, teve de enfrentar o fuso horário e respeitar os rigorosos prazos de entrega que existem numa estação de rádio.

Mas as dificuldades foram para lá do seu bem-estar, o jornalista foi constantemente confrontado com a fome e o desespero dos haitianos. Uma conjunção perigosa que acaba muitas vezes em violência. No entanto, João Guerreiro disse que mesmo com este cenário intenso recebeu ajuda de vários habitantes que só assim viam uma oportunidade de expressar a sua gratidão às missões internacionais.

O jornalista da TSF afirmou ainda que a solidariedade entre jornalistas num cenário de catástrofe é muito importante, pois o isolamento pode levar a consequências graves. Acrescentou que é igualmente importante que os profissionais que partilharam as mesmas experiências se encontrem quando voltam ao seu quotidiano para puderem desabafar uns com os outros.

João Guerreiro deixou, no final da palestra, conselhos aos jovens estudantes de CCC. O jornalista avisou que o mercado de trabalho está feito para que “tudo nos corra mal” mas que cabe a cada um mostrar e provar, através do seu profissionalismo e ética, que merece estar ali. Disse ainda que a chave do sucesso é “saber o que valem” e “nunca deixar pontas soltas”.

Um autêntico Guerreiro

Sara Alves

João Francisco Guerreiro, jornalista da TSF, esteve uma semana no Haiti, aquando do sismo que destruiu a cidade de Port-au-Prince e a vida dos seus habitantes. Na reportagem que fez, e pela qual recebeu o Prémio Rei de Espanha, na categoria de Rádio, conseguiu que o ouvinte se sentisse parte da história, como se estivesse a olhar pelo ombro do jornalista. “Aqui em frente ao palácio”, “A pessoa que está ao meu lado” e “Cheira a putrefacção” são alguns exemplos do efeito causado pela reportagem deste jovem jornalista, que afirmou não ter acrescentado sons em estúdio.

Por vezes era difícil ligar para Portugal, mas João preparava as reportagens à noite e mandava-as através de uma pen da tmn, que levou consigo. Também a alimentação andava de mãos dadas com a dificuldade. “Comíamos massas com carne e carne com massas, e a cada dia que passava ia sendo mais complicado comer porque a água estava a ficar contaminada”, revelou. A água era como “sete cães a um osso”. João chegou a negá-la a um haitiano porque se lha tivesse dado, teria sido o fim desse homem. “Matavam-no só por ele ter uma coisa. Lá é assim, matam ali em frente de todos”.

Apesar da violência que reinava no centro da cidade, João nunca se sentiu inseguro, porque os haitianos roubam-se uns aos outros mas não tiram nada aos jornalistas. “Para eles, o bem mais valioso é a água, e eu andava sempre com uma garrafa escondida”. “É preciso ter cuidado com as pessoas de lá, mas há pessoas boas”, revelou João. Um velho haitiano puxou João pela camisola e o conduziu-o à sua casa, onde vivia com mais cinco pessoas.

O jornalista da TSF não quis dormir em nenhum edifício de cimento, preferiu uma tenda que se caísse com réplicas não o feriria. Mantem a memória viva de histórias tristes como a do rapaz que gritou “I’m hungry”, e João não pode dar-lhe comida de imediato tendo ido mais tarde procurá-lo sem sucesso, ou “as crianças que corriam atrás de mim só para tirar fotografias e ficavam numa alegria imensa só de vê-las no ecrã da câmara”, contou, sorrindo com saudade.

O Jornalista da TSF afirmou: “Quando estamos perante as situações pensamos ‘Foi isto que falámos nas aulas’, mas há momentos em que não se sabe sequer como

agir”. João Guerreiro confessou também que, durante a sua estadia no Haiti, foi complicado opinar sobre a situação e transmitir apenas os factos.

Prémio: Lição de vida

Mariana Rijo

João Francisco Guerreiro recebeu o prémio “Rei de Espanha” na categoria de rádio. O reconhecimento a João Francisco Guerreiro, jornalista da TSF, foi feito no âmbito da reportagem que realizou sobre o terramoto do Haiti, em Janeiro de 2010. Este trabalho, denominado “Missão Haiti”, trata várias vertentes do acontecimento, desenhando a realidade de um país pobre e, agora, destruído.

Primeiro impacto

Saíra de Portugal com apenas mil dólares e alguns mantimentos. Ao chegar ao seu local de trabalho, João Francisco Guerreiro sentiu um clima tenso no ar. O sofrimento de milhares de pessoas envolvidas no caos de uma cidade despida pelo tremer da terra, evidenciava-se no monte de escombros em que se haviam tornado os edifícios. Nas ruas, os corpos espalhados por toda a parte cheiravam a putrefacção. O Palácio, que outrora havia sido o símbolo nacional, era agora símbolo da destruição, onde se juntavam centenas de sobreviventes.

“Em frente ao Palácio Nacional estava um campo de refugiados a céu aberto”, conta.

João Francisco Guerreiro deparou-se com imagens a que não estava acostumado. Uma total miséria originara situações de horror: “Nos campos de desalojados havia uma imagem fortíssimas... as pessoas viviam a céu aberto, lavavam-se, faziam as necessidades...”.

O jornalista revela que havia uma enorme gratidão da sociedade haitiana para com os estrangeiros no país. Sendo difícil gerir os sentimentos, confessa que a emoção era constante. “Emocionei-me quando um rapaz me disse que tinha fome ao fim de um dia inteiro sem comer, e que lhe tinham negado comida. Fui buscar alguns enlatados e corri atrás dele, mas já não o encontrei. Não consegui, fiquei triste, mas tentei.” Nestes momentos, era a alegria no rosto das pessoas que o ajudava a superar: “Quando via as pessoas a cantar e a dançar apesar de tanto sofrimento, ganhava força.”

Repórter 24/7

Devido ao fuso horário entre Portugal e o Haiti, o jornalista viu-se obrigado a trabalhar quase o dia inteiro, 24 horas por dia, sete dias por semana. Os directos, feitos por telemóvel, só eram possíveis graças à existência de um gerador e de uma pen, através da qual se ligava à internet. João Francisco Guerreiro descreve a dificuldade em conjugar os horários de trabalho. “Tínhamos de preencher o noticiário da manhã, a edição da tarde e a da noite. Tinha de trabalhar como se estivesse cá (em Portugal) e aproveitar o dia lá, para recolher informação.”

Apesar do estado de calamidade daquele lugar, o jornalista sentiu bondade e inocência nos corações de todos os haitianos. Acima de tudo, toma a sua estadia no Haiti como uma lição de vida: “Criou-se um ambiente de emoções que eu tive a certeza de que nunca mais viveria”.

Jornalista no terreno

Liliana Cardoso

João Francisco Guerreiro, jornalista da TSF, esteve no Haiti a fazer a cobertura do sismo de 12 de Janeiro de 2010 e contou-nos a sua experiência no terreno.

O cenário descrito pelo jornalista é de grande violência. Um homem é atingido com um bloco de cimento e existe um clima de grande tensão no ar. O trânsito é caótico, há viaturas a circular em contra mão e o ambiente é agressivo devido às pilhagens em Port-au-Prince.

No centro da cidade, o palácio presidencial ficou completamente destruído. Outrora símbolo do poder, ficou reduzido a um monte de escombros e é agora o “símbolo do terramoto” como descreve o jornalista na sua reportagem. Em frente ao palácio foi construído um campo de refugiados e os esgotos a céu aberto estão por toda a parte.

Na sua reportagem estão bem presentes os sons do que se passa à sua volta. Ouve-se música e o som de panelas a bater. O som de pessoas a cantar quebra a tristeza do que se passa naquele país tão pobre. As crianças dizem “obrigado” aos militares portugueses por estes terem levado ajuda.

Enquanto esteve no Haiti, João falou com as pessoas que trabalham no terreno sobre o apoio que é dado à população. Entrevistou pessoas que viveram o terramoto, falou com médicos que todos os dias executam várias amputações, entrevistou um agente de segurança e também uma pessoa que viu o palácio a ruir mesmo à sua frente.

O jornalista conseguiu ainda mostrar a vertente religiosa. Uma rapariga não queria que o pé lhe fosse amputado porque achava que Deus a ia salvar, chegando a estar em risco de vida.

Na sua ida à Universidade Lusófona, o jornalista contou-nos como é difícil ir para um cenário como o Haiti. A comida escasseia, por isso há que racioná-la e levar alimentos que não se estraguem. É muito importante aprender a sobreviver num local onde impera o caos e a miséria. Estabelecer contactos é o principal, apesar de ser difícil, pois o dialecto falado pela maior parte das pessoas é difícil de entender, dificultando o trabalho jornalístico. Garantir a própria segurança foi outro aspecto de que João nos falou. Como se encontrava num local atingido por um terramoto, a probabilidade de haver réplicas eram muitas, e houve mesmo jornalistas que acabaram gravemente feridos.

Haiti em ferida aberta

Patrícia Matos

Na noite de 12 de Janeiro de 2010 um sismo de sete graus de magnitude atinge o Haiti que nunca mais seria o mesmo. Passada uma semana, o cheiro dos corpos e o desespero do povo tomaram conta do ambiente que se vive na capital Port-au-Prince.

É nesta altura que surgem as mais dramáticas histórias de uma sociedade caída por terra.

Inúmeras pessoas levantaram-se sozinhas dos escombros, sem ninguém à sua volta. Apenas pó e fumo... Ficaram sem família, sem casa, sem alimento. Outras, ainda com menos sorte, ficaram presas nos destroços, dias à espera que alguém se lembrasse delas, até a morte chegar.

Haiti, um país agora sem governo, frágil, e devastado pela natureza, fica rapidamente dependente de ajuda. Os sobreviventes faziam de tudo para alcançar a comida que chegava ao país. Matavam para comer, matavam para sobreviver.

São feitas mais de 100 amputações por dia. Não há espaço para lágrimas. O tempo é crucial para salvar os que restaram da catástrofe. E de seguida enterrar os mortos.

É nestas situações em que a fé toma lugar preponderante. Acreditar em Deus, passa a ser a salvação em alternativa dos aos dolorosos cuidados médicos.

Era também preciso fugir à doença e à contaminação. Perante este clima de infecções há quem já prefira não ter ficado vivo para contar a história. Sobreviver é o objectivo, mas com o passar do tempo, o cansaço de não ter nada, chega.

O jornalista João Francisco Guerreiro teve a oportunidade única esta realidade pelos seus próprios olhos. Correspondente da TSF, captou os melhores e piores sons desta tragédia. Muito inesperadamente, a proposta surge. Ir para o Haiti cobrir todo aquele alvoroço depois do sismo devastador. A resposta foi *sim*. Na mochila levava essencialmente rebuçados e conservas para uma semana que se esperava arriscada.

O ângulo de reportagem tornou-se fácil. Muitas histórias surgiam para dar a conhecer ao mundo. Muitos haitianos se juntavam a ele em agradecimento à ajuda estrangeira que o país estava a receber.

João Francisco Guerreiro fez desta experiência, a reportagem “Missão Haiti”. Um trabalho rico de biografias de gente que nunca mais voltará a ver na vida.

De lá chegou com uma nova visão como repórter, com amigos, e com vontade de um dia lá voltar, mas com a ânsia de ver um ambiente diferente.

“Gostava de um dia poder voltar ao Haiti”

Susana

João Francisco Guerreiro iniciou a sua actividade no jornalismo ainda frequentava o primeiro ano da faculdade, quando foi seleccionado num casting para a RTP. Hoje jornalista da TSF foi distinguido nos o Prémio de Jornalismo Rei de Espanha por um trabalho sobre o terramoto do Haiti. João Francisco Guerreiro foi o vencedor da categoria de rádio pelo trabalho “Missão Haiti”, emitido pela TSF a 11 de Fevereiro de 2010 e que o júri elogiou pela “grande riqueza de vozes” registadas na reportagem. Os prémios, que vão na sua 28.^a edição são promovidos anualmente pela EFE e pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional, distinguiram ainda profissionais da Argentina, Colômbia, México e Espanha.

O jornalista ao descrever a sua viagem até chegar ao Haiti, começou por entrevistar o Engenheiro de voo da TAP mesmo antes de chegar ao seu destino. Esse avião era um C130 da Força Aérea mas parecia um hospital. No Haiti, João viveu situações que o marcaram: Uma criança com uns fixadores externos para os ossos partidos na sequência da catástrofe; Um rapaz que grita na sua reportagem “tenho fome” e que o jornalista, mal pode, procura reencontrar para dar comida mas sem sucesso; Um grupo de crianças em frente ao palácio que ficava feliz por ser fotografado; E tantas outras experiências que o fazem lembrar o Haiti...

O jornalista acredita que a maior parte das pessoas do mundo são boas e tem tido a sorte de confirmar isso ao longo dos seus trabalhos. Do Haiti guarda ainda contactos com pessoas que conheceu e com quem vai falando. O jornalista refere as suas experiências como inesquecíveis “conhecer estas situações é um privilégio”.

Tudo era notícia no Haiti

Ana Cortes

O jornalista João Guerreiro da TSF que foi distinguido nos prémios Rei de Espanha, com a reportagem “missão Haiti”, esteve na Lusófona com os alunos de Ciências de Comunicação e da Cultura, para partilhar a sua experiência numa das maiores catástrofes naturais.

Esta oportunidade de ir para o Haiti, surgiu um pouco em cima do joelho como nos diz o jornalista: “Só tive tempo de ir a casa e preparar uma mochila, onde coloquei enlatados e rebuçados.” O orçamento também era muito reduzido, o jornalista apenas tinha mil dólares e as dificuldades começaram a surgir mal saiu de Portugal. Para entrar no Haiti, teve de ir de boleia num C130, porque todo o espaço aéreo estava fechado, a não ser para cargas e aviões de ajuda humanitária. Arranjar local para dormir também foi uma das suas dificuldades.

Já depois de instalado, num campo em tendas, foi então em busca das histórias para contar, João Guerreiro diz que as suas reportagens apareciam naturalmente pelos sítios por onde ele passava sem ser necessário procurá-las. Tudo era notícia no Haiti.

Estranhamente surge uma pessoa, Samuel, um haitiano que se disponibilizou a ajudar o jornalista gratuitamente.

O jornalista da TSF conta que todas as imagens do Haiti foram únicas, desde rixas entre haitianos por causa de água, ou até mesmo crianças felizes apesar de feridas: “Via-se de tudo”.

No terreno sofreram jornalistas com aqueles acontecimentos e em Portugal sofreram os amigos e familiares.

Missão Haiti de João Francisco Guerreiro

Aline de Brito

A reportagem retratava acontecimentos tristes e impressionantes mas não de uma forma sensacionalista. Os pormenores desta reportagem fazem as pessoas viajar para o terreno. O jornalista teve atenção a quase todos os detalhes e fez uma boa descrição dos sítios: o palácio do centro da cidade que ficou em ruínas, as barracas improvisadas pelas pessoas, o cheiro das pessoas mortas espalhadas, as lojas pilhadas...

Ajudas humanitárias, especialmente as de Portugal são temas deste trabalho cuja multiplicidade de entrevistados e depoimentos o torna muito rico e emocionante de ouvir.

A reportagem é muito interessante mas ainda melhor foi o que só ficamos a saber pela explicação que o jornalista nos deu. Passamos a conhecer outros pormenores do que aconteceu.

Penso que esta aula foi muito importante porque percebemos o que é o dia-a-dia de um profissional de jornalismo durante a cobertura de um acontecimento extremo. Serviu também para percebermos que fazer cobertura de um acontecimento não é muito fácil, e que o jornalista deve estar preparado para qualquer eventualidade.